

João Luís Cardoso
João Carlos Caninas
Francisco Henriques

DUAS CABANAS CIRCULARES DA IDADE DO BRONZE DO MONTE DE SÃO DOMINGOS (MALPICA DO TEJO, CASTELO BRANCO)



Associação de Estudos do Alto Tejo

Núcleo Regional de Investigação Arqueológica

Associação de defesa do ambiente

1998

Edição integrada no Projecto

**ALTEJO - Pré-História Recente na Margem Direita
do Alto Tejo Português**



Associação de Estudos do Alto Tejo

Núcleo Regional de Investigação Arqueológica

Associação de defesa do ambiente

Apoios



Instituto da Conservação da Natureza



Instituto Português do Património Arquitectónico



Câmara Municipal de Castelo Branco



Instituto Português da Juventude



INSTITUTO PORTUGUÊS
DE ARQUEOLOGIA

Instituto Português de Arqueologia

DUAS CABANAS CIRCULARES DA IDADE DO BRONZE FINAL DO MONTE DE SÃO DOMINGOS (Malpica do Tejo, Castelo Branco)

*João Luís Cardoso***

*João Carlos Caninas**

*Francisco Henriques**

1. INTRODUÇÃO

A área de Malpica do Tejo, situada na parte sudeste do distrito de Castelo Branco, entre o rio Tejo, o rio Ponsul e a ribeira do Aravil, é conhecida, do ponto de vista arqueológico, principalmente pelos inúmeros achados de artefactos metálicos atribuíveis à Idade do Bronze. Estes achados foram integrados num recente estudo de conjunto sobre o Bronze Final da Beira Interior (VILAÇA 1995).

Por outro lado, esta área tem vindo a ser prospectada sistematicamente, desde 1988, pela Associação de Estudos do Alto Tejo. Estes trabalhos integram-se, desde 1993, no projecto de investigação, então submetido ao Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, "Ocupação Pré-Histórica do Alto Tejo Português" no âmbito do qual se executou a escavação arqueológica a que respeita este texto. Os resultados obtidos deram origem a um primeiro esboço de carta arqueológica já publicado (HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO 1995a). De entre as descobertas realizadas destacavam-se duas estruturas circulares evidenciadas à superfície por pequenas lajes de xisto dispostas de cutelo. Estas estruturas, identificadas por dois dos signatários (FH e JCC), foram então, provisoriamente, correlacionadas com o megalitismo. A sua localização apresenta-se na Fig. 1.

Considerando a raridade destas duas estruturas a nível regional e a sua grande sensibilidade face a eventuais mobilizações de terras que, por pequenas que fossem, as poderiam destruir, decidiu-se conferir prioridade à sua escavação e estudo arqueológico. Tratava-se, assim, de dar continuidade aos estudos que se vêm realizando, desde 1993 (CARDOSO, CANINAS & HENRIQUES 1995a, 1995b, 1997a, 1997b), em monumentos megalíticos da margem direita do Tejo internacional.

Estes trabalhos contaram com o apoio financeiro do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. Merece referência o apoio concedido pela Câmara Municipal de Castelo Branco através do levantamento topográfico da área de implantação dos monumentos. Agradece-se ainda à Dr.^a Adília Alarcão a disponibilidade amiga em aceitar o encargo de reconstituir, a título gratuito, dois recipientes cerâmicos, no Laboratório do Museu Monográfico de Conímbriga. Finalmente, regista-se a excelente recepção, simpatia e colaboração prestada pelo rendeiro do Monte de São Domingos, o Senhor João Francisco Cabaço.

* Da Associação de Estudos do Alto Tejo e da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

** Da Academia Portuguesa da História, da Universidade Aberta e do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras — Câmara Municipal de Oeiras.

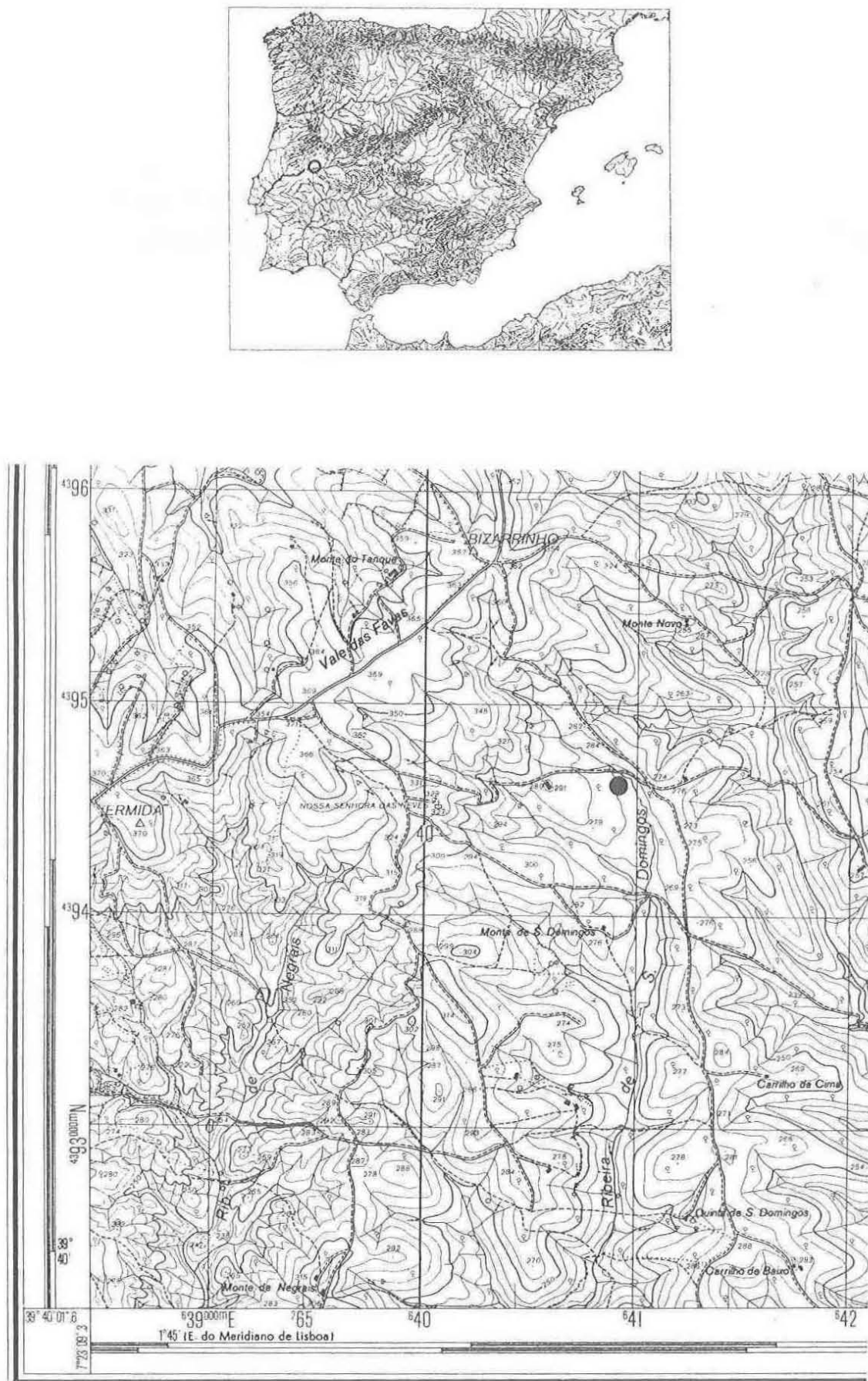


Fig. 1 — Localização das estruturas circulares do Monte de São Domingos na Península Ibérica, em cima e à escala regional em baixo. (extracto da folha 305 da Carta Militar de Portugal na escala 1:25000).

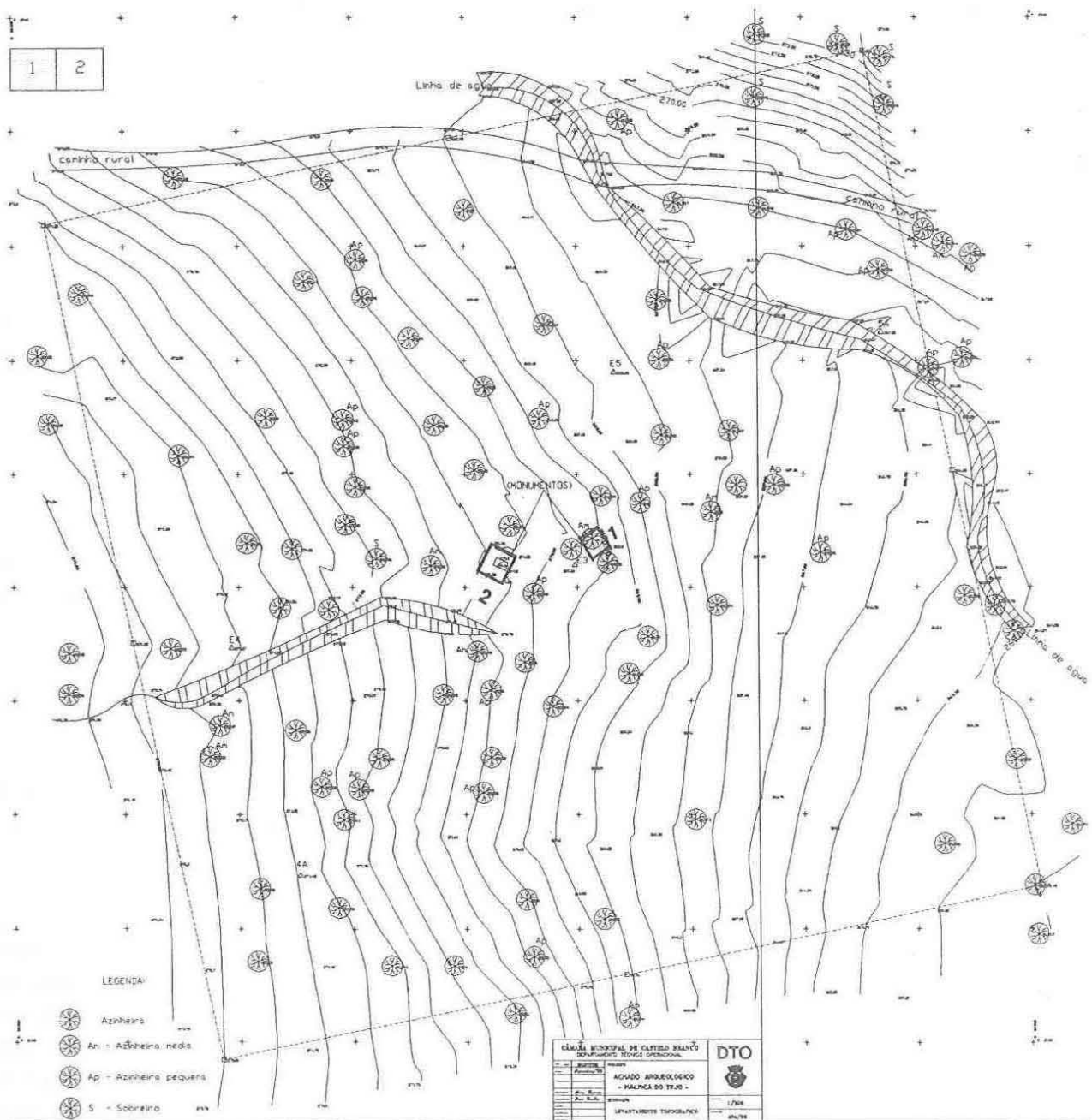


Fig. 2 — Localização das áreas escavadas em planta local na escala 1: 1250, executada pela Câmara Municipal de Castelo Branco.

Os dois monumentos encontram-se distanciados entre si de 18 metros, segundo um alinhamento Oeste-Este (Figs. 2 e 3). Designaremos com o número 1 a estrutura que foi escavada em primeiro lugar, a qual se situa a leste da estrutura 2, de maiores dimensões, escavada depois, situada no terreno a uma cota superior em cerca de 1 metro.

Alguns meses antes do início dos trabalhos arqueológicos o terreno foi lavrado superficialmente tendo sido arrancados ou deslocados alguns dos ortóstatos antes visíveis. Felizmente, como se veio a comprovar com a escavação, as estruturas mantiveram-se quase intactas em profundidade.

2. LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO

As estruturas circulares do Monte de São Domingos situam-se em encosta localmente com ligeiro pendor na direcção sudeste (Figs. 2 e 3). No seu sopé corre linha de água temporária e o topo culmina

por plataforma que atinge a base da elevação onde se implanta a aldeia de Malpica do Tejo. Toda a área é utilizada como pastagem, caracterizando-se por cobertura vegetal dominada por grandes azinheiras.

Do ponto de vista geológico, observa-se no local importante manto de cascalheiras quartzíticas, ainda que de fraca potência, de elementos em geral mal rolados, correspondendo a retalhos de depósitos de carácter torrencial ("ranhas") do final do Pliocénico ou início do Quaternário, assentes em depósito mais fino, areno-conglomerático de coloração amarelo-avermelhada ("Arcoses da Beira"), de idade talvez miocénica (OLIVEIRA 1992).

Os monumentos têm as coordenadas PD 408 944 UTM (Carta Militar de Portugal, n.º 305, à escala 1: 25 000) e situam-se a cerca de 270 m de altitude (Fig. 1). Nas proximidades existem alguns monumentos dolménicos (HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO 1995a) e rochas decoradas com covinhas (HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO 1995b).

3. Trabalhos realizados

Os trabalhos arqueológicos foram dirigidos por um dos signatários (JLC) e duraram dez dias úteis, repartidos pelos meses de Março a Junho de 1996. Além dos signatários participaram nos trabalhos de campo Inês Mendes da Silva, Ruben Henriques, Jorge Gouveia, Maria dos Anjos Henriques, Maria João Feijão e Francisco Negalha, além de outros membros da Associação de Estudos do Alto Tejo. Bernardo Ferreira executou o desenho das estruturas postas a descoberto e dos materiais arqueológicos nelas encontrados. As fotografias são da autoria de João Luís Cardoso e de João Carlos Caninas.

As duas estruturas encontravam-se evidenciadas à superfície por um alinhamento circular, embora incompleto, de pequenos ortóstatos de xisto ou grauvaque. Devido à citada lavra recente, alguns outros foram arrancados. Juncando o terreno, era possível observar diversas lajes de xisto ou grauvaque, de origem exógena, que pertenceram certamente a estes ou a outros monumentos idênticos, que provavelmente se dispersam pela mesma encosta, onde jazem totalmente ocultos.

Após o registo fotográfico da situação de referência (Est. I, n.ºs 1 e 2), efectuou-se a delimitação das áreas da escavação, envolvendo as duas estruturas visíveis à superfície, com 16 m² no caso da estrutura 1 e 28 m² no caso da estrutura 2. Seguidamente, procedeu-se à remoção de todos os elementos detríticos soltos à superfície das duas áreas consideradas e deu-se início à escavação dos monumentos, começando pela estrutura 1. As escavações foram executadas na totalidade das áreas assim delimitadas, procedendo-se a rebaixamentos por camadas artificiais de 10 cm. No final dos trabalhos, os dois monumentos apresentavam-se totalmente postos a descoberto, sendo assim possível a sua caracterização adequada.

No decorrer da escavação, verificou-se a existência, no interior de ambos, de grande quantidade de blocos soltos de quartzito e de quartzo, ali acumulados ulteriormente. Além destes elementos, um intrincado sistema radicular, associado às azinheiras vizinhas, dificultou o andamento dos trabalhos, mas teve a vantagem de contribuir para a conservação das estruturas arqueológicas.

4. ESTRUTURAS ARQUEOLÓGICAS

4.1. Estrutura 1

No final da escavação da estrutura 1 o panorama que se nos ofereceu era consideravelmente complexo comparado com as previsões iniciais, conforme documentam as Figs. 4, 5 e Est. II, n.ºs 1 e 2.

Com efeito, os trabalhos puseram a descoberto uma estrutura de planta circular com 2 m de diâmetro interno, definida por pequenas lajes de xisto e de grauvaque colocadas originalmente em posição vertical e justapostas, forrando o lado interno do espaço assim definido. Dada a sua posição,

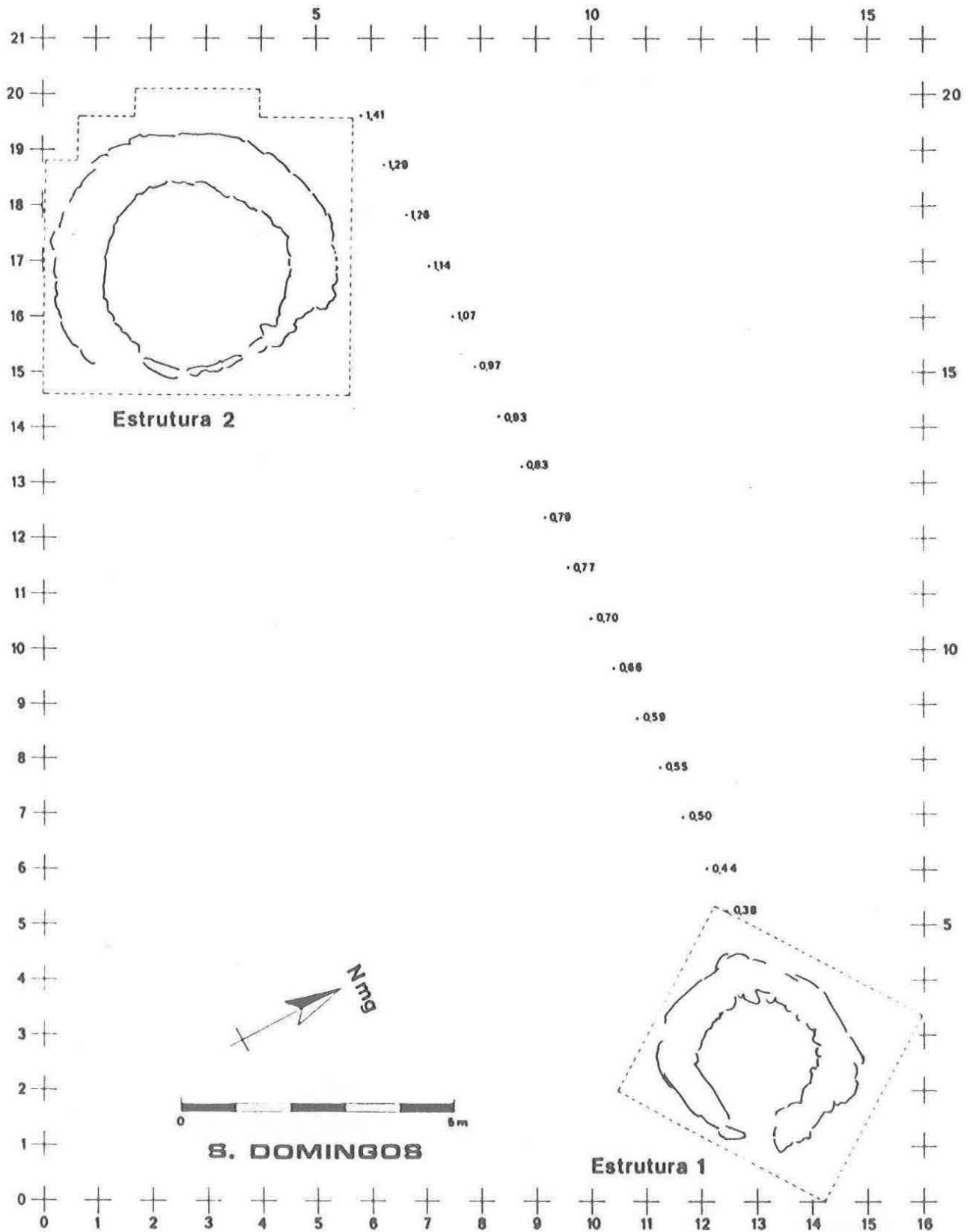


Fig. 3 — Planta de ligação das áreas escavadas correspondentes às estrutura 1 e 2 do Monte de São Domingos.

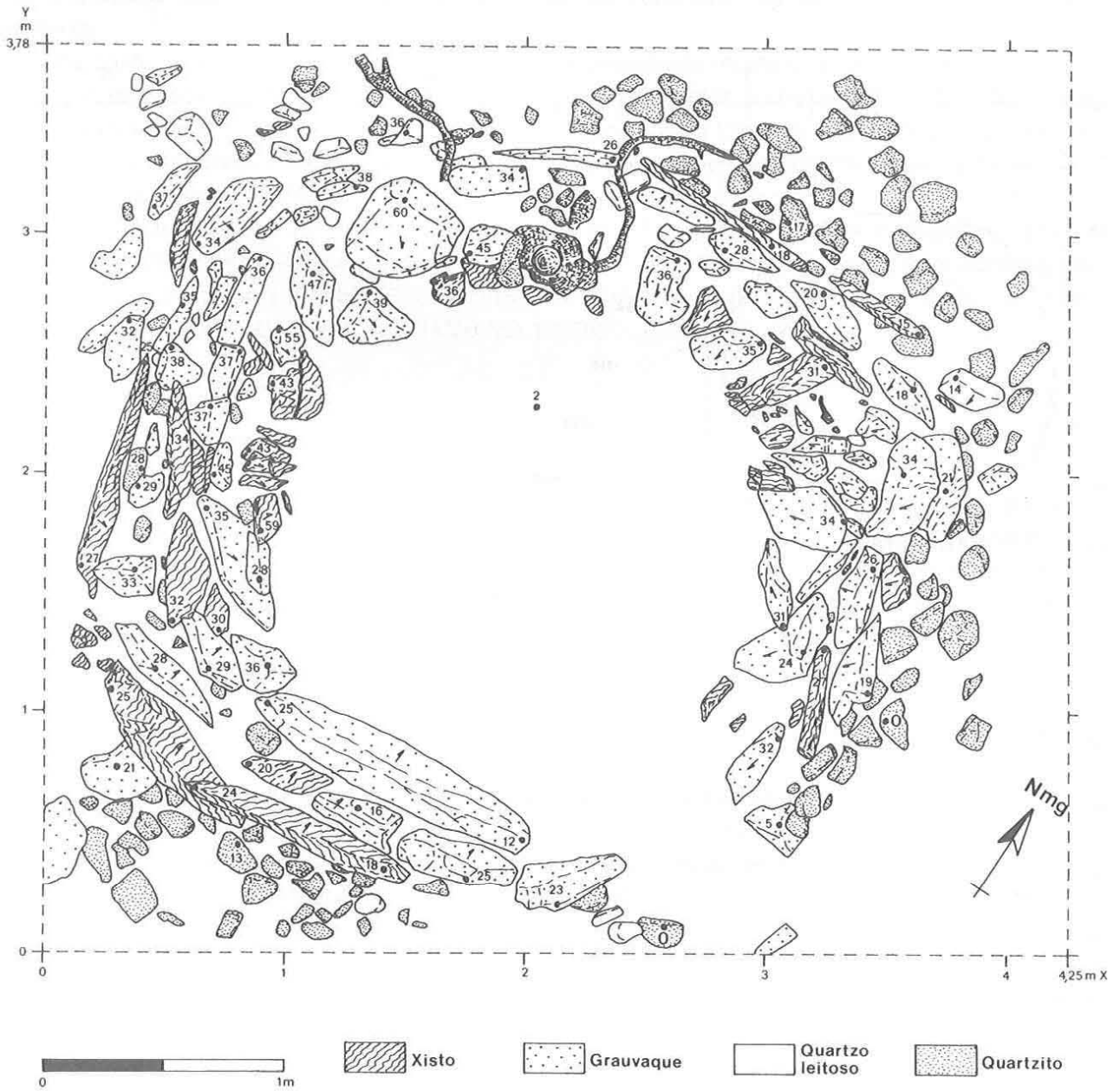


Fig. 4 — Estrutura 1 do Monte de São Domingos. Planta no final da escavação.

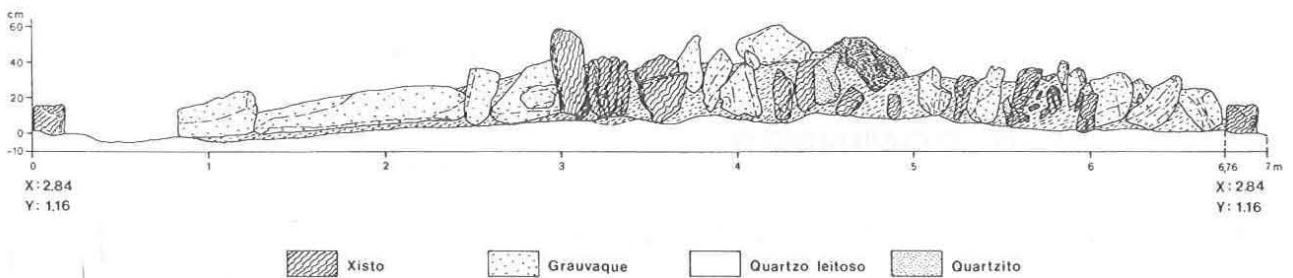


Fig. 5 — Estrutura 1 do Monte de São Domingos. Alçado interior.

muitos destes elementos foram desaparecendo ao longo do tempo e outros tombaram. Estes pequenos ortóstatos eram suportados exteriormente por aparelho de blocos e lajes de xisto e de grauvaque, de maiores dimensões, dispostos maioritariamente imbricados e de cutelo, por forma a reforçarem a estabilidade exterior da estrutura, constituindo desta forma um muro de elementos justapostos; a construção assim executada encontrava-se delimitada do lado externo por grandes lajes de xisto, finas e alongadas, dispostas também de cutelo e totalmente enterradas, das quais só os topos afloravam.

O muro assim construído mostrava uma solução de continuidade virada a Leste, correspondente a uma entrada, sublinhada pela disposição transversal de um bloco de grauvaque, a Sudeste, que a delimitava deste lado.

No interior deste espaço ocorreram dois elementos de manifesta importância para a compreensão da sua finalidade e cronologia. Na posição indicada na Fig. 4 e à cota + 2 cm, recolhemos, ao nível do chão do recinto, fragmentos de grande vaso de carena alta (Fig. 10, n.º 4 e Est. X, n.º 1), além de escassos fragmentos de três outros vasos coevos. Imediatamente a sul daquele vaso e ocupando o quadrante sudoeste do interior do recinto, reconhecemos indícios de fogo, consubstanciados pelo endurecimento e tonalidade avermelhada do solo primitivo, de saibro argiloso batido, se bem que não se tenham observado carvões ou cinzas. É provável que a rubefacção do chão se deva a incêndio que tenha atingido a superestrutura de madeira e colmo original. Ao abaterem, os troncos incandescentes promoveram o imediato recobrimento do solo, bem como dos materiais ali existentes. A ausência de cinzas pode explicar-se por lixiviação ulterior, com remoção dos correspondentes solutos pelas águas das chuvas, atendendo à pequena profundidade do depósito assim formado.

4.2. Estrutura 2

Trata-se, como a anterior, de estrutura de planta subcircular, porém de maiores dimensões (diâmetro interno de cerca de 3,30 m) e de construção mais complexa. O seu centro dista, do centro da anterior, 18 m para oeste (Fig. 3) e a uma cota cerca de 1 m mais alta.

Do ponto de vista estrutural, o estado de conservação do muro é irregular: do lado leste, apenas subsistiu o alinhamento interior, enquanto na periferia restante, o monumento apresenta-se bem conservado (Fig. 6). Trata-se de um muro muito espesso, constituído por um paramento interno de ortóstatos de grauvaque muito regulares, dispostos verticalmente, cuja altura, face ao solo do interior do monumento atinge o máximo de 60 cm (Fig. 7). O interior do muro é constituído por um enchimento de blocos de quartzo e de quartzito, obtidos localmente, observando-se coroa de sustentação intermédia, constituída por ortóstatos de grauvaque colocados verticalmente a que se seguem, na periferia, elementos análogos, mas de maiores dimensões, postos de cutelo (Est. III, n.º 2), tal como já se tinha observado na estrutura 1.

O reforço externo do muro observa-se especialmente do lado voltado para a parte superior da encosta, correspondente à zona sujeita aos maiores impulsos de terra e onde, portanto, mais necessários se tornavam tais elementos estabilizadores (Fig. 6 e Est. III, n.ºs 1 e 2).

Tal como a estrutura 1, também é provável que esta possuísse uma passagem voltada para Sudeste. Porém, neste caso, tal passagem encontrava-se marcada por bloco disposto horizontalmente, diferenciando-se dos adjacentes, que integravam o paramento interno da estrutura, não só pela posição aludida, mas ainda por se encontrar fundado no terreno a uma cota mais alta que os restantes (Est. IV, n.º 1, à esquerda); é provável que constituísse soleira.

O interior da estrutura assim definida era constituído por um chão de saibro argiloso, no qual foram escavadas três sub-estruturas, com as seguintes características (Est. IV, n.º 1 e Fig. 6):

Sub-estrutura 1 (Fig. 8, n.º 1 e Est. IV, n.º 2; Est. V, n.ºs 1 e 2) — de planta sub-rectangular, à superfície, apresentava-se como pequeno empedrado de blocos irregulares mas ajustados cujo desenvolvimento em profundidade indicava preenchimento intencional de covacho pré-existente (Est. V, n.º 1). No fundo dessa primitiva depressão, encontraram-se restos de recipiente cerâmico, muito

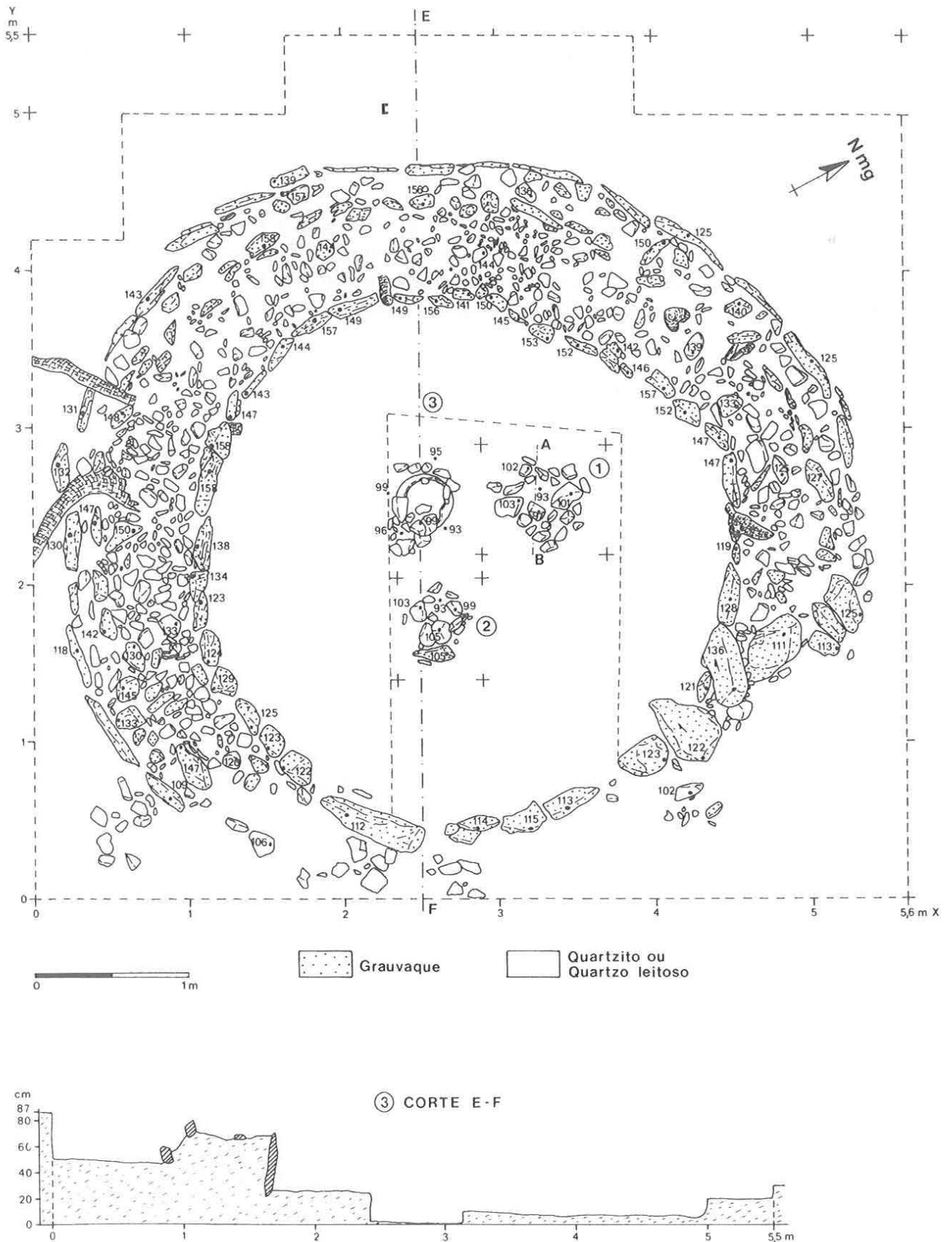


Fig. 6 — Estrutura 2 do Monte de São Domingos. Planta geral e corte Noroeste-Sudeste (EF) no final da escavação. Nesta planta representam-se um empedrado (1), um buraco de poste (2) e um vaso cerâmico (3) tal como se apresentavam ao nível do subsolo da estrutura circular.

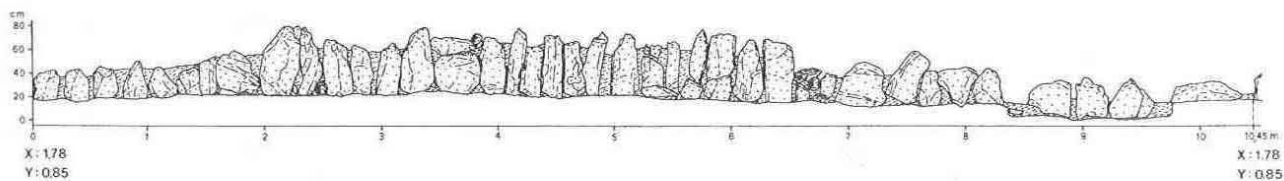


Fig. 7 — Estrutura 2 do Monte de São Domingos. Alçado do paramento interior.

incompleto, talvez correspondente à parte inferior de taça em mau estado de conservação, depositada sob o preenchimento referido.

Sub-estrutura 2 (Fig. 8 n.º 2; Est. VI, n.º 1 e 2) — trata-se de expressivo buraco de poste estruturado, forrado no interior e no fundo por blocos irregulares de quartzo e de quartzito, encontrando-se o topo, ao nível do antigo solo do interior da estrutura, definido por blocos de maiores dimensões, avultando um grande bloco de grauvaque, de um dos lados.

Sub-estrutura 3 (Est. VII, Est. VIII, n.ºs 1 e 2) — à superfície, evidenciava-se empedrado semelhante ao da sub-estrutura 1, mas mais irregular. Em profundidade, esta estrutura não tinha o desenvolvimento observado naquela, pois cobria imediatamente um grande vaso de colo alto já incompleto, quando ali foi depositado, na parte superior (Fig. 11, n.º 2; Est. X, n.º 2), o qual jazia enterrado em covacho previamente aberto. O interior do vaso foi esvaziado aquando do restauro respectivo, no Museu Monográfico de Conimbriga. Foram então recolhidos fragmentos de um outro recipiente (Fig. 11, n.º 1) com decoração interna, que provavelmente cobriria o vaso maior, o qual continha, também, abundantes esquirolas ósseas humanas, com intensas marcas de fogo (Est. XI).

A existência de cobertura na estrutura é inquestionável, como demonstra o buraco de poste identificado no interior do recinto; tal cobertura, seria assegurada por uma estrutura apoiada no poste então existente. Esta evidência, associada à existência de uma passagem para o interior do recinto, consubstancia a hipótese deste corresponder a uma cabana. Neste contexto, as sub-estruturas 1 e 3 poderiam constituir depósitos rituais funerários no interior de espaços domésticos. É a primeira vez que tal prática se documenta no território português, onde, aliás, escasseiam estruturas habitacionais do Bronze Final com as características das agora estudadas.

4.3. Comparações

Um dos aspectos mais complexos com que nos confrontámos no decurso desta escavação respeita à interpretação funcional das duas estruturas postas a descoberto.

Tendo como seguro o seu posicionamento cronológico no Bronze Final, conforme é indicado pela tipologia dos materiais cerâmicos exumados, julga-se pertinente procurar paralelos, em primeiro lugar no território português. As estruturas habitacionais até hoje escavadas do Bronze Final, em Portugal, apresentam planta elíptica ou circular; seriam quase sempre de materiais perecíveis incluindo, por vezes, as paredes laterais. Tal é indicado pelo tipo de embasamentos encontrados, constituídos por buracos de poste periféricos ou por muretes de alvenaria, funcionando como embasamento das paredes.

No povoado da Tapada da Ajuda (Lisboa) que integrava diversas habitações dispersas, foi escavada uma cabana cujo embasamento era constituído por dupla fiada de blocos de basalto definindo espaço elipsoidal com 6 m de eixo maior (CARDOSO 1995: 38). Trata-se de modelo recorrente no mundo mediterrânico, atlântico e centro-europeu, que, no caso português, apresenta antecedentes nas cabanas campaniformes, situadas no exterior do povoado calcolítico fortificado de Leceia, Oeiras

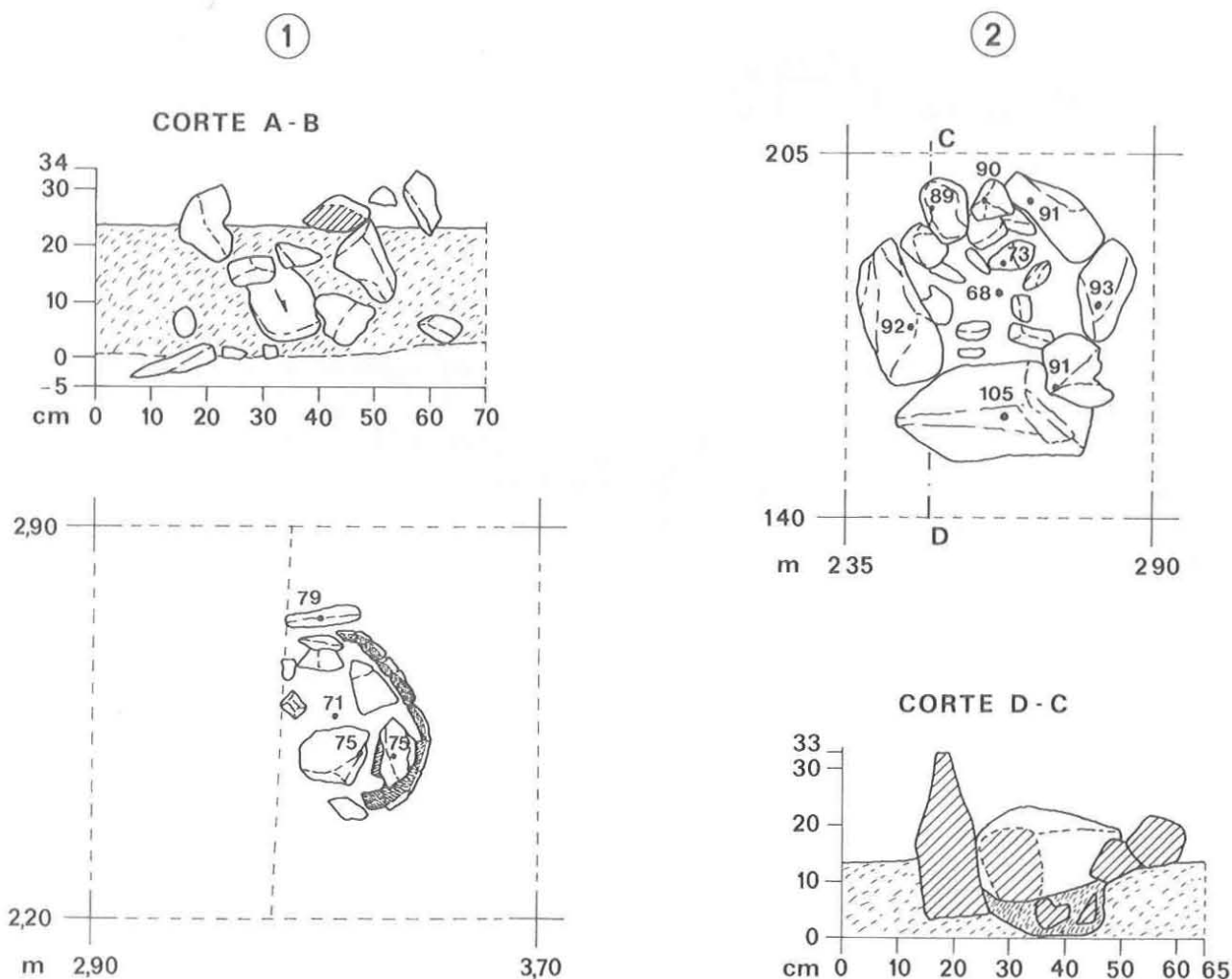


Fig. 8 — Estrutura 2 do Monte de São Domingos. (1) Representação da sub-estrutura 1 em corte e respectiva planta após o seu desmonte revelando fragmentos de uma taça. (2) Representação do buraco de poste (sub-estrutura 2) em planta e em corte no final da escavação.

(CARDOSO, 1997). A cabana da Tapada da Ajuda difere, porém, das estruturas 1 e 2 de São Domingos por possuir planta elipsoidal.

No Norte e Centro de Portugal ocorrem, no Bronze Final, casas de planta elíptica em São Julião (FABIÃO 1993), Santa Luzia (SENNA-MARTINEZ 1994) e São Romão (SENNA-MARTINEZ 1989), bem como casas de planta circular, de que é exemplo a escavada no Outeiro dos Castelos de Beijós (SENNA-MARTINEZ 1994, Fig. 2), todas elas com embasamentos ligeiros, incluindo buracos de poste periféricos, que sugerem paredes de materiais vegetais.

O trabalho de VILAÇA (1995) sobre o povoamento da Beira Interior no Final da Idade do Bronze regista um recinto de contorno semicircular (sector IX do povoado de Alegrios). Trata-se de um abrigo aberto a Sul, evidenciado, na base, por uma fiada de pedras, dois buracos de poste, lareira e artefactos diversos. Segundo a autora, teria cobertura de peles.

No Sul, conhecem-se casas de planta igualmente elíptica, do Bronze Final, em Neves II, a que se sucedem casas de planta rectangular, já da Idade do Ferro (MAIA & MAIA 1986). Neste sítio, o polimorfismo é evidente: enquanto uma das casas do Bronze Final tinha embasamento de alvenaria, a outra corresponderia a uma estrutura de materiais perecíveis, fundada em sulco aberto no solo.

O paralelo mais próximo das duas unidades habitacionais em estudo corresponde às casas de planta circular (Fig. 9), com embasamento de alvenaria, da Cidade de Terroso, Póvoa de Varzim, do Bronze Final III, integrável no séc. VIII a. C. (SILVA 1986, Est. XVIII). Outro exemplo próximo corresponde a casa com embasamento de alvenaria da fase mais antiga do Castro do Coto da Pena

(SILVA 1986, Est. XV), atribuível também pelo autor ao Bronze Final; porém, trata-se de estrutura de planta diferente, grosseiramente quadrangular, com os cantos arredondados. Talvez a presença de um grande penedo, adjacente à estrutura, tenha condicionado a sua planta, não obstante ser bem conhecido o polimorfismo das casas castrejas, aliás patente no referido castro, na fases posteriores da sua ocupação. Como é sabido, as casas circulares abundam ao longo de toda a Idade do Ferro, na Cultura Castreja (Est. IX, n.º 2).

Também no Centro e Sul de Portugal ocorrem necrópoles, datáveis do Bronze Final, constituídas por estruturas funerárias de planta circular. Na Casinha Derribada (CRUZ *et al.* 1998), na Fonte da Malga (KALB & HÖCK 1982) e em Paranho (CRUZ 1997) encontraram-se *tumuli* ou *cairn* de planta circular, bem delimitados por anéis de contenção, possuindo, no seu interior, artefactos cerâmicos encerrados em cistas rectangulares ou em fossas cobertas por lajes.

Qualquer daqueles monumentos, associados ao mundo funerário, distingue-se claramente das estruturas 1 e 2 de São Domingos. Enquanto naqueles casos se trata sempre de estruturas fechadas, constituindo *tumuli* de pequena altura, as estruturas de São Domingos dispunham, em ambos os casos, de entrada voltada ao quadrante SE e, no caso da estrutura 2, de um buraco de poste estruturado no seu interior: são características suficientes para se concluir tratar-se de uma estrutura possuindo espaço interior coberto em comunicação com o exterior.

Por outro lado, na estrutura 1, observam-se, para além de uma entrada, também orientada a sudeste, vestígios de combustão no chão interior, ocupando mais de metade da sua área. Área tão significativa poderá ser interpretada como resultante de incêndio da cobertura, a qual, por ter menores dimensões que a estrutura 2, dispensaria o apoio de um poste central, cujos testemunhos, pelo menos, não se reconheceram.

Com efeito, os embasamentos das estruturas 1 e 2 de São Domingos, delimitados interior e exteriormente por paramentos de lajes verticais, em xisto e grauvaque, apesar de sua espessura, não suportariam coberturas em pedra do tipo falsa cúpula; com efeito, no decorrer da escavação não se detectaram, no interior daquelas estruturas, quaisquer lajes de xisto ou de grauvaque resultantes da queda desse tipo de cobertura. Admite-se, porém, que, em ambos os casos, mas mais claramente no caso da estrutura 2, pudesse existir muro em adobe, culminando com um cobertura de elementos vegetais. Esta solução é consistente com as condições geológicas locais e com a tradição local de construção de casas em adobe e taipa (AMARAL *et al.* 1988).

A hipótese apontada, embora sem evidência estratigráfica, pois não se detectou qualquer camada de derrube argilosa, no decorrer da escavação, encontra inúmeros paralelos no mundo mediterrânico durante a Idade do Bronze. É desse teor a proposta de reconstituição de uma pequena habitação no nível 12 do Castillo de Monturque, Granada (PALOMO 1993: 67-69, 312), onde se reconheceu embasamento de pedras circular, que terá suportado muro de adobe com cobertura cónica em materiais vegetais. O estrato V (Bronze Final II, séc. IX a.C.), onde aquela construção se insere, conserva restos de derrube, da cobertura, e vestígios de incêndio. Neste povoado foram identificadas seis fases de ocupação, do Calcolítico Final ao Bronze Final II. No Calcolítico Final I e no Bronze Final II ocorrem casas circulares, com embasamento em pedra e cobertura lenhosa revestida a argila; ao contrário, no Bronze Médio e no Bronze Final I as casas apresentam planta rectangular.

Escavações em Acinipo, Málaga (AGUAYO *et al.* 1986), permitiram também documentar a transição de cabanas circulares e elipsóidais para formas rectangulares, entre o Bronze Final e a Idade do Ferro, coincidindo com a importação de materiais fenícios, no séc. VIII a. C. As cabanas circulares com embasamento de alvenaria do Bronze Final recente ali postas a descoberto, constituem um dos conjuntos mais semelhantes ao do Monte de São Domingos, (Est. IX, n.º 1), conjuntamente com as cabanas de Terroso, já referidas.

As três cabanas escavadas por CORTES (1982) no Cerro de Cabezuelos (Jaén), embora de planta elipsoidal, apresentam murete de pedra limitado por dupla fiada de pequenas pedras dispostas ao alto, definindo estrutura semelhante às observadas em São Domingos. A cobertura seria efectuada, como noutros casos já citados, com materiais vegetais revestidos a barro. A escavação permitiu documentar os derrubes da cobertura e restos de estuque proveniente das paredes, tendo-se concluído que estas habitações eram limpas com regularidade.

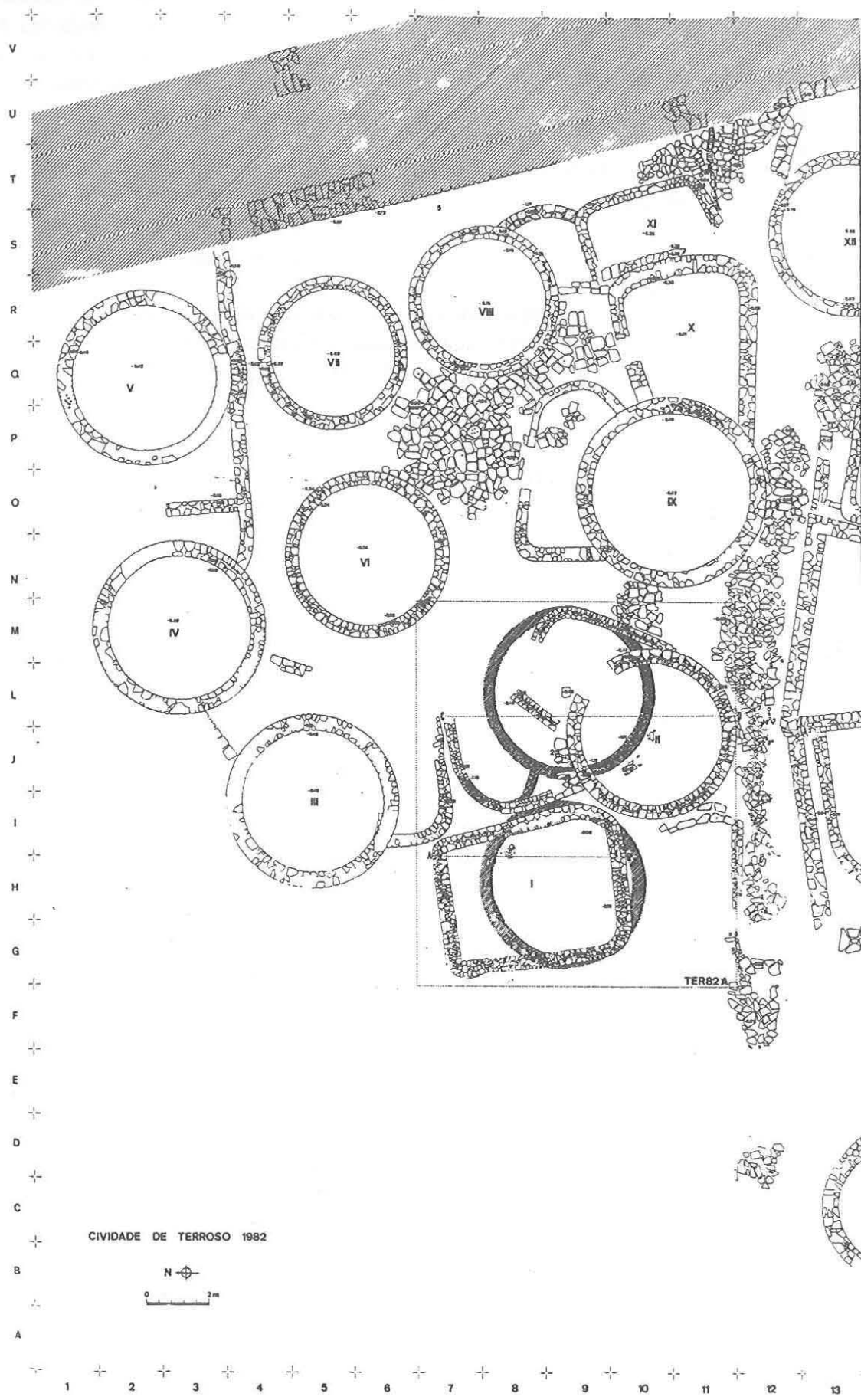


Fig. 9 — Pormenor da planta da Cidade de Terroso observando-se cabanas circulares, do Bronze Final, com embasamento de alvenaria, sobrepostas por outras, da Idade do Ferro (seg. SILVA 1986, Est. XVIII).

ALMAGRO (1977) referencia cabanas circulares em três povoados atribuídos ao Bronze Final da Extremadura espanhola, em Magacela (Badajoz), Sagrajas (Badajoz) e Valcorchero (Plasencia), onde uma delas é definida por embasamento de lajes dispostas de cutelo (*op. cit.*, Fig. 15). Cabanas circulares ocorrem também integradas em povoados do Bronze Final / Ferro Inicial na Meseta Norte como é o caso das exumadas no povoado de Soto de Medinilla.

O horizonte orientalizante Pleno-Recente (I Idade do Ferro) do povoado del Risco da Sierra de Fuentes (Cáceres) comporta uma cabana circular (Nível 1 do Sector C), com 2 m de diâmetro, definida por lajes verticais; a cobertura vegetal, de barro, era suportada por poste de madeira. Tal técnica construtiva poderia ser defendida para os dois casos em apreço, embora não se tenha aqui reconhecido nenhum fragmento de cerâmica de revestimento, ausência sobretudo difícil de explicar na estrutura 1, admitindo que tenha ali ocorrido incêndio, que contribuiria para a conservação, por cozimento, da argila de revestimento, caso ela ali tivesse existido. No nível 11 do Sector A foram encontrados vestígios de grandes cabanas de planta elipsoidal definidas por linhas de pedras verticais, funcionando como habitações ou espaços de armazenamento (PAVÓN *et al.* 1998).

As diferentes tipologias de casas indicadas para o Bronze Final peninsular (circulares, elípticas, rectangulares) não têm pois especificidade cronológica; coexistem diferentes tipos de casas e modelos, entretanto substituídos por outros, mas que voltam a aparecer em épocas posteriores.

No mundo mediterrânico, os povoados nurágicos (Idade do Bronze) de Sierra Ôrrios e de Serrucci (ZERVOS 1954: 105, 112) são constituídos por casas circulares isoladas, embora agrupadas, ou conectadas por muros, por vezes definindo recintos de configurações variadas. Apresentam a entrada em geral no quadrante SE e os muros são alteados em pedra.

O povoado de Capo Graziano (Bronze Antigo) na ilha eólia de Filicudi, comporta casas de planta elipsoidal de alvenaria com cobertura em colmo (BERNABÓ BREA 1972: 97-98). No Bronze Médio persistem as plantas elipsoidais entre as casas do povoado (e Cultura) de Milazzese, na ilha de Panarea. No entanto, no povoado coevo de La Portella, Ilha de Salina, as casas eram todas circulares.

Em torno ainda da questão funcional, merece atenção o interessante trabalho de PUGLISI & CASTALDI (1966) sobre estruturas circulares da Idade do Bronze na Sardenha. Trata-se dos círculos do tipo B, assim designados para os distinguir dos círculos do tipo A, que são cistas ou dólmenes cobertos por *tumuli* circulares.

Trata-se de construções idênticas em muitos aspectos às de São Domingos. Igualmente circulares, são também definidas por duas fiadas concêntricas de blocos colocados verticalmente; os espaços intermédios, são preenchidos por pedras de menores dimensões. Têm diâmetros que variam entre 4 e 8 m e a largura dos muros entre 50 e 100 cm.

São muros baixos, delimitando um espaço interior aberto, sem vestígios de alteamento ou cobertura. Possuem entradas, bem marcadas por blocos transversais, cuja orientação varia entre E e SE. Em geral, na posição diametralmente oposta à da entrada, existe uma estela, sobre-elevada em relação ao muro, com carácter simbólico. Estas estruturas apresentam-se isoladas.

A presença de esqueletos incompletos ou em posições desconexas, e a existência de mais que uma camada com restos cerâmicos ou outros, conduziu à interpretação daquelas estruturas corresponderem a espaços, pré-sepulcrais, de descarnação de cadáveres (PUGLISI & CASTALDI 1966: 75).

As estruturas 1 e 2 de São Domingos, apesar da semelhança formal, não possuem indicadores que permitam perspectivar funcionalidade como a que é atribuída aos círculos sardos do tipo B. Bem pelo contrário, a existência de buraco de poste estruturado, existente em uma delas, indica a presença de cobertura, jamais referida para as construções mencionadas.

No mundo atlântico, os paralelos de casas circulares também abundam. Parece evidenciar-se uma maior abundância de cabanas deste tipo nas Ilhas Britânicas do que nas regiões atlânticas francesas, onde dominam cabanas de planta rectangular; um dos raros exemplares do primeiro tipo foi encontrado na região de Côtes d'Armor (in SOT & PAUTREAU, 1998, Fig. 1). No povoado de Itford Hill, do final da Idade do Bronze (MOHEN & BAILLOUD 1987: 160), no Sussex (Grã-Bretanha), obser-

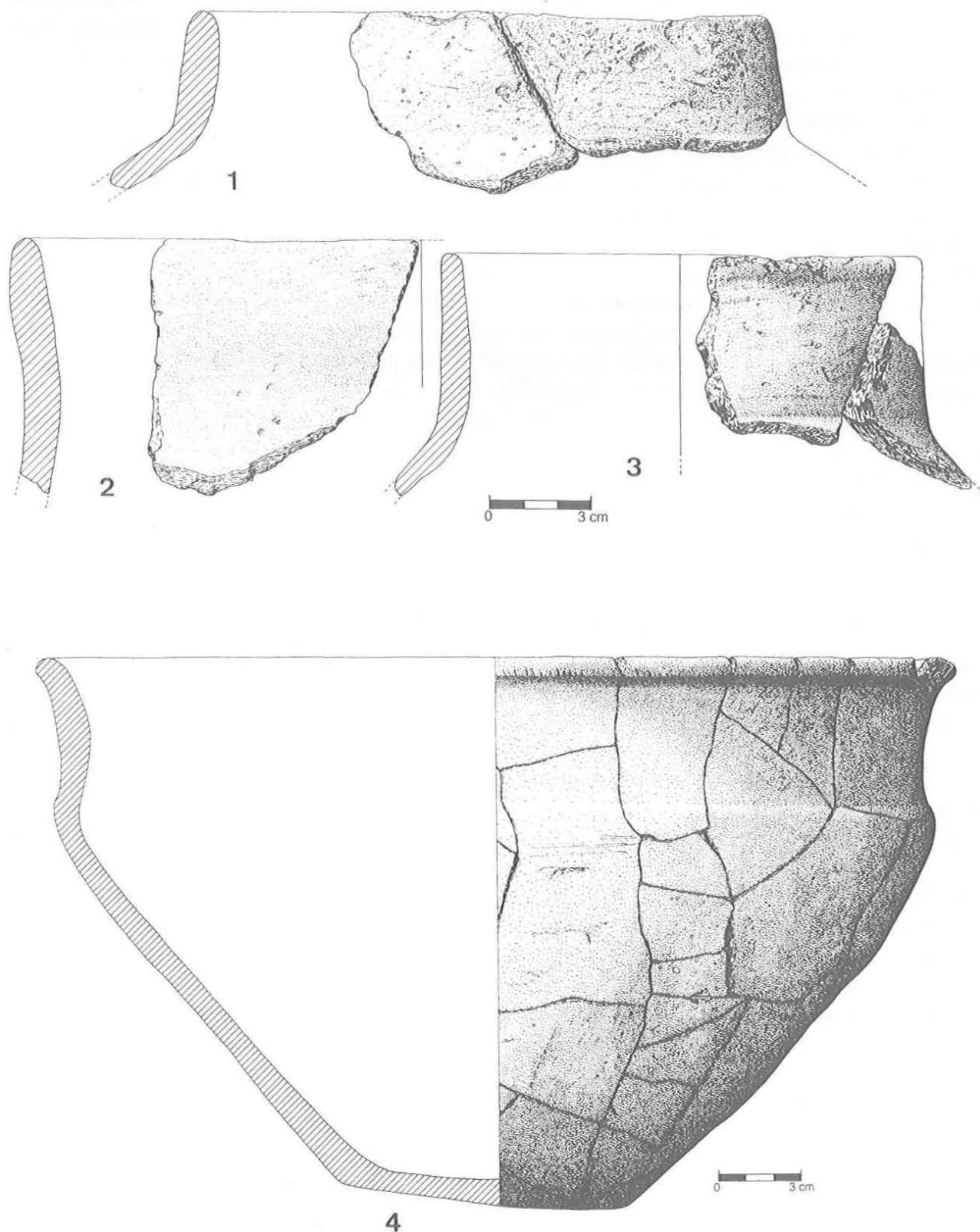


Fig. 10 — Materiais cerâmicos provenientes da estrutura 1 do Monte de São Domingos.

va-se possível palimpsesto de casas circulares, de 5 a 7 m de diâmetro, e cobertura vegetal cônica, organizadas em cinco grupos envolvidos por paliçadas. A algumas centenas de metros existe um *tumulus* com 15 incinerações, configurando uma necrópole associada àquele povoado.

O povoado de Shaugh Moor, em Dartmoor (MOHEN & BAILLOUD 1987: 158-159, PEARSON 1993: 104) é outro exemplo de uma quinta da Idade do Bronze com cinco cabanas circulares construídas

em pedra, envolvidas por muro, também de pedra, definindo recinto elipsóidal, com 75 m de eixo maior. Neste caso, foram efectuadas análises químicas aos níveis de potássio do solo, que permitiram concluir ter servido como habitação apenas a estrutura de maiores dimensões, sendo as restantes espaços de armazenamento ou abrigos para gado. Na região, a desflorestação obrigou à utilização da pedra para a construção de estruturas que, em períodos anteriores, eram de madeira.

A continuação das escavações em São Domingos, com a provável identificação de outras estruturas próximas, poderá vir a revelar uma pequena aldeia ou quinta, como as descritas nos exemplos anteriores.

Outro aspecto interessante destas estruturas diz respeito à orientação da entrada. Ambas as estruturas de São Domingos possuem entradas voltadas para sudeste. Considerando a topografia do local, tal orientação tem uma explicação funcional. Orientadas no sentido da inclinação do terreno permitiam minimizar a penetração de água e sedimentos, arrastados pela chuva e pelo vento, cuja origem dominante se situa no sector norte; a preferência por aberturas voltadas a sul é, ainda hoje, preferencial, em habitações do nosso País, pelas razões apontadas.

No caso da estrutura 2, não se identificaram vestígios de fogo ou lareiras, recipientes, mós ou outros artefactos. Talvez a limpeza, regularmente efectuada, do chão da habitação explique a ausência de tais restos; é provável que as escavações, no exterior da estruturas, por terem sido feitas em área limitada, não tenham proporcionado a identificação de possíveis lixeiras ou de outros vestígios, ligados ao quotidiano da respectiva ocupação.

A grande urna cinerária recolhida sob o chão da estrutura 2 sugere uma relação familiar local entre vivos e mortos, com paralelos na cultura de El Argar, da Idade do Bronze do Sudeste peninsular, embora ali o ritual tenha privilegiado a inumação. Cite-se apenas um de entre muitos exemplos. No Cerro de la Virgen, Granada (SCHÜLE & PELLICER 1966), às primeiras ocupações calcolíticas (pré-campaniforme e campaniforme), representadas por casas de planta circular com base em pedra e parede de adobe, sucede-se povoado do Bronze Inicial e Médio (Cultura Argárica), com casas também construídas em adobe e taipa, possuindo em alguns casos embasamento de lajes verticais, embora de planta indeterminada. Entre estas casas, ou no seu interior, ocorrem tumulações sob os respectivos pisos, em situação análoga, portanto, à observada em São Domingos 2.

No Bronze Final recente e ao longo de toda a Idade do Ferro do Noroeste peninsular, também são frequentes os exemplos de tumulações em áreas habitacionais. Segundo GARCIA y BELLIDO (1966: 7), no Noroeste, "em certos castros construíram-se verdadeiros cemitérios comuns, dentro do próprio recinto urbano castrejo (Meirás); noutros os recipientes cinerários eram enterrados, ora no solo do interior das casas (Pendia, Coaña), ora em recintos *ad hoc*, anexos a elas (Coaña). Em alguns casos eram simples covas abertas na terra ou na rocha (Meirás), noutros eram verdadeiras cistas (Terroso). Por vezes os recipientes eram pedras providas de cavidades (castro de Navia); em casos mais frequentes, eram vasos cerâmicos, contudo noutros, que não podemos concretizar, seriam de madeira."

Os sepultamentos do Castro de Meirás, que consistiam em fossas (circulares ou ovais), abertas no solo ou na rocha, onde eram depositadas cinzas humanas encerradas em vasos, incompletos, apresentam uma situação equiparável à observada na estrutura 2 de São Domingos dado que eram também cobertas por empedrados ou "pavimentos de pedras" (LUENGO, 1950, Figs. 15 e 16). Estas cavidades, que se apresentavam agrupadas e por vezes ligadas por canais, após escavação revelaram espólios tardios, contemporâneos da romanização.

No concernente ao nosso território, importa salientar as observações efectuadas na cidade de Terroso. Segundo GARCIA y BELLIDO (1966: 9), "... apareceram, por baixo de três casas circulares, supostas sepulturas hipogeeas também circulares, a modo de poços (...). Embora não se encontrassem objectos que os pudessem datar, é contudo evidente que se tratava de depósitos funerários de incinerados". Foram atribuídas por SILVA (1986) no âmbito periodização que estabeleceu para a Cultura Castreja do Noroeste, ao Bronze Final III. Aquele autor filia as sepulturas em poço, eventualmente, nas sepulturas de Beiriz, que consistem em fossas ovóides abertas no saibro, igualmente do Bronze Final III.

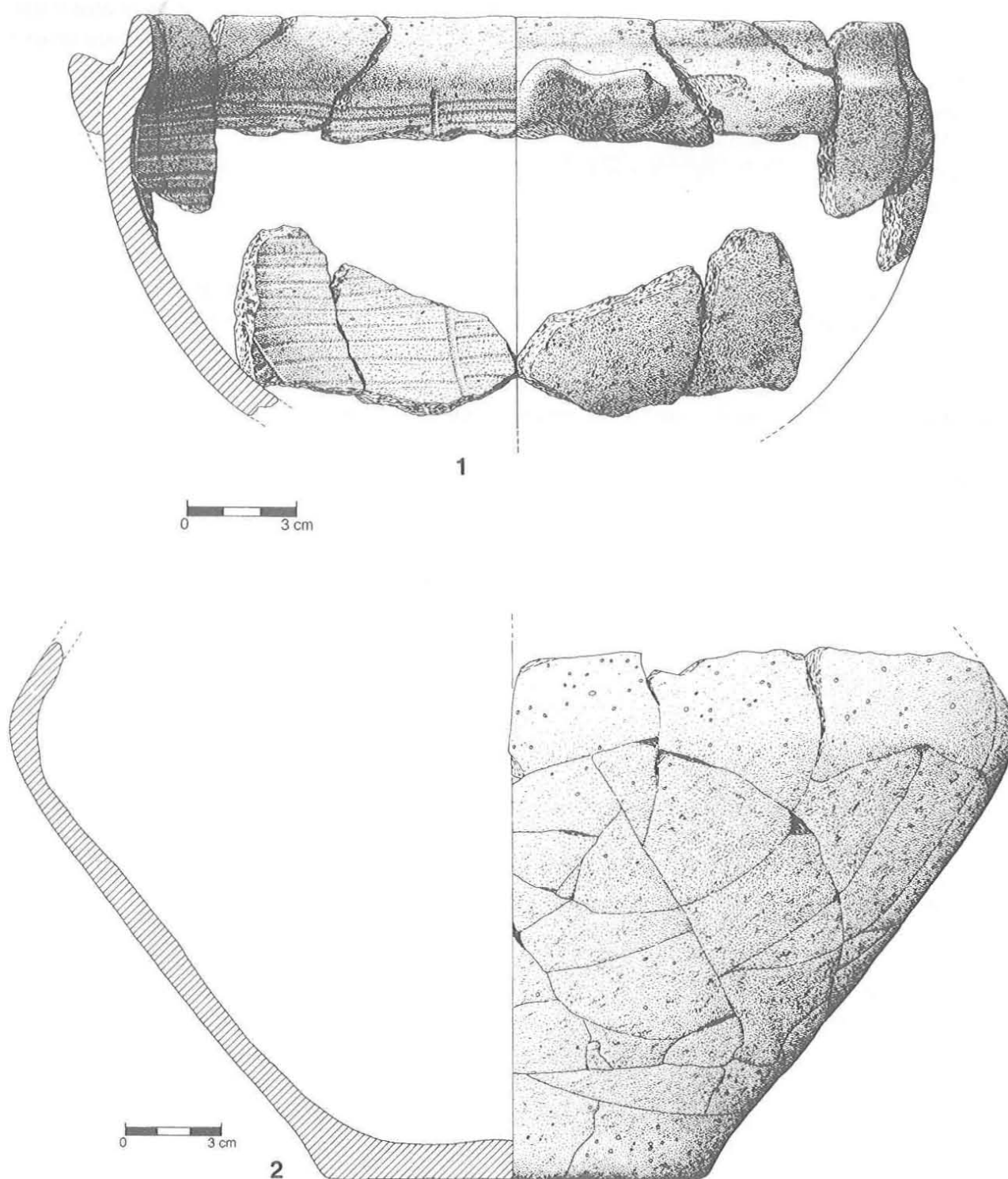


Fig. 11 — Materiais cerâmicos provenientes da estrutura 2 do Monte de São Domingos.

Na Fase seguinte da Cultura Castreja do Noroeste, as sepulturas são por vezes constituídas por pequenas cistas de pedra de planta quadrangular, situadas no exterior de habitações de planta circular. Numa cista deste tipo, encontrada na casa XXII de Terroso, recolheu-se um vaso de forma acampanada e fragmentos de vaso bojudo, de mistura com pequenos carvões (SILVA 1986: 303).

Na cidade de Âncora há também sepulturas de incineração em pequenas cistas, neste caso agrupadas em recinto funerário, considerado o mais expressivo de todos os reconhecidos pelo autor na Cultura Castreja (SILVA, 1986: 303). O interior daquele continha fragmentos de cinzas e vestígios de ossos. Tratava-se de núcleo de carácter familiar, reafirmando-se por esta via "a importância dos laços de sangue como o elemento fundamental da estruturação da sociedade castreja ..." (SILVA 1986: 303).

Os exemplos reportados dão consistência à interpretação funcional que temos vindo a defender para as estruturas 1 e 2 do Monte de São Domingos, enquanto espaços habitacionais com sepultamentos no interior, num dos casos.

5. MATERIAIS

5. 1. Estrutura 1

O interior da estrutura 1, cujo chão, que estava regularizado, era constituído por um areão grosseiro de coloração beije-rosada com abundantes grãos quartzozos mal rolados, forneceu fragmentos cerâmicos pertencentes a quatro recipientes de grandes dimensões (Fig. 10, n.º 1 a 4).

As pastas, de modo geral, apresentam granularidade média com abundantes e.n.p. de quartzo e de feldspato; porém, as correspondentes superfícies, nos casos em que estas se mostram pouco erodidas, mostram alisamento cuidado, conferindo-lhes brilho ligeiro, que ocultou as irregularidades texturais aludidas.

As colorações são predominantemente castanho-escuras, exibindo variações de tonalidade, naturalmente mais evidentes nos exemplares mais completos (Fig. 26, n.º 4), atingindo colorações castanho-avermelhadas. Dois dos recipientes, representados apenas pela parte superior, possuem colo cilíndrico bem marcado (Fig. 10, n.º 1 e 3), mais desenvolvido num deles (Fig. 10, n.º 3).

Trata-se de forma fechada, para a qual se compulsaram vários paralelos, com base nas tipologias publicadas para a Idade do Bronze do território português. Na tipologia desenvolvida para a Idade do Bronze tardia da bacia do médio e alto Mondego (SENNA-MARTINEZ 1993), corresponde à forma 40, reportada a "potes de colo fechado", especialmente ao subtipo 40.1, caracterizado por colo bem marcado, com linha de carena invertida na junção deste com a pança, igualmente observável nos dois exemplares em apreço; a forma troncocónica ou sub-cilíndrica do colo, também se verifica nos nossos exemplares. Na referida região, tal forma encontra-se representada por um exemplar quase completo do Buraco da Moura de São Romão, encontrando-se também presente na Malcata (*op. cit.*, p. 98).

Existe outra tipologia para as cerâmicas do Bronze Final do Centro e Sul da Beira Interior, oriundas de contextos habitacionais (VILAÇA 1995). Foram três os povoados investigados. No do Castelejo (concelho de Sabugal), o tipo 11 integra "uma grande variedade de potes com colo mais ou menos alto, subcilíndrico ou extrovertido e corpo ovóide subesférico mais ou menos achatado ..." (*op. cit.*, p. 119). Conquanto dos nossos exemplares apenas possamos dizer que possuíam bojo globular, a descrição apresentada ajusta-se bem à parte do colo, que é a conservada nestes. Este grupo tipológico encontra-se também presente no povoado do Monte do Frade (concelho de Penamacor) (*op. cit.*, p. 155) e ainda no povoado de Alegrios (Idanha-a-Nova); no grupo 10 da tipologia ali definida, reúnem-se grandes quantidades de potes de diversos formatos, possuindo colos verticais ou esvasados, "em regra desenvolvidos e bem individualizados das panças" (*op. cit.*, p. 201), como nas peças em apreço.

No contexto das formas do Bronze Final da região estudada, a forma geral, susceptível de integrar os quatro recipientes em causa, ocorre sempre, de maneira largamente dominante, nos três povoados referidos; o mesmo se verifica no quarto e último sítio habitacional estudado pela autora, o da Moreirinha, também situado no concelho de Idanha-a-Nova (*op. cit.*, p. 232).

Na região a Sul do Tejo, importa mencionar a tipologia dos recipientes do Bronze Final da região de Alpiarça (MARQUES 1972, 1974). No conjunto da formas identificadas por este autor, e no que concerne à morfologia da sua parte superior, a única susceptível de ser comparada com a dos presentes exemplares, são de mencionar os tipos IV e VI do estudo de 1972 correspondentes, respectivamente, a vasos de colo cilíndrico, mais ou menos desenvolvido, cuja junção ao bojo se apresenta bem marcada. Considerando a tipologia apresentada em 1974, estes corresponderiam à forma 7 (MARQUES 1974, p. 141).

O vaso da Fig. 10, n.º 4, foi reconstituído com base em numerosos fragmentos que se dispersavam pelo chão da cabana. Trata-se de forma aberta, característica do Bronze Final, para a qual abundam paralelos nas tipologias anteriormente referidas. O facto de tais fragmentos se

dispersarem pelo chão da estrutura, parece suportar a ideia de o seu abandono ter sido seguido de rápido colapso da cobertura, que, recobrando bruscamente o chão da cabana, promoveu a protecção dos materiais arqueológicos ali dispersos. Talvez o referido colapso se tenha devido a incêndio, o que explicaria a observada rubefacção do piso, pelo efeito do calor.

5.2. Estrutura 2

Duas das três sub-estruturas elementares continham materiais cerâmicos; os fragmentos cerâmicos recolhidos no fundo da depressão correspondente à sub-estrutura 1 encontravam-se em muito mau estado e fragmentários, não possibilitando o reconhecimento da forma correspondente. Ao contrário, os dois exemplares recolhidos sob o enrocamento correspondente à sub-estrutura 3 permitiram reconstituição (Fig. 11, n.º 1 e 2).

Trata-se de exemplares de pastas de textura média, evidenciando, como os anteriores, abundantes e.n.p. de quartzo e feldspato. As colorações variam do castanho-escuro ao castanho-alaranjado e as superfícies encontram-se algo erodidas, conferindo-lhes aspereza, reforçada pela ausência de engobe.

O vaso de maiores dimensões (Fig. 11, n.º 2), com fundo plano, é integrável na tipologia dos dois fragmentos de colo alto e cilíndrico encontrados na estrutura 1. Com efeito, a acentuada curvatura do bojo, prenuncia a existência de colo, alto e vertical, ou mais ou menos extrovertido, cujo arranque, porém, não se conservou; todo o seu perímetro é ocupado por uma fractura regular, indicando que o recipiente foi objecto de reutilização, como urna cinerária, quando se encontrava já incompleto.

O recipiente de menores dimensões (Fig. 11, n.º 1) é mais raro no contexto das tipologias das cerâmicas do Bronze Final das três regiões para as quais dispomos, presentemente, de estudos sobre as cerâmicas. Com efeito, se a forma em si mesma é comum, embora seja de referir que a carena se posicione já acima da linha de máximo diâmetro do recipiente, conferindo-lhe carácter de forma fechada, já a pega bífida que ostenta sobre esta é difícil de paralelizar no território português. Os exemplares mais próximos compulsados provêm da Tapada da Ajuda (ainda inéditos); ali se recolheram alguns fragmentos de pequenas taças, ostentando mamilos duplos, sobre a carena, cujo significado simbólico não custa aceitar.

Também difícil de comparar é a decoração interior deste recipiente. Trata-se de conjunto de linhas horizontais, paralelas entre si, produzidas com uma ponta romba, intersectadas por linhas verticais, aparentemente radiais, partindo do fundo, não conservado. Em território português, os exemplares mais semelhantes que se podem inscrever neste padrão e técnica decorativas, aplicadas no interior de recipientes, remontam ao Calcolítico Inicial/Pleno da Estremadura portuguesa. Tal semelhança resulta, evidentemente, apenas de uma mera convergência formal.

5.3. Restos Osteológicos

O interior do grande vaso recolhido sob o chão da estrutura 2 (sub-estrutura 3) (Fig. 11, n.º 2) continha, de mistura com fragmentos do recipiente menor, que provavelmente o cobria (Fig. 11, n.º 1), e com terras que nele penetraram ulteriormente, abundantes esquirolas ósseas, de coloração esbranquiçada, muitas vezes fendilhadas, que indicavam exposição a altas temperaturas (Est. XI, n.º 1).

Os resultados do estudo antropológico feito por A. Santinho Cunha e M. Telles Antunes sobre tais restos serão apresentados em ulterior trabalho.

6. Ritual Funerário

A incineração foi realizada em pira funerária, por certo montada nas imediações. Considerando a coloração dos ossos, predominantemente cinzento-clara, a temperatura atingida pela combustão terá ultrapassado os 400°C e até, nalguns casos, os 600°C, visto alguns deles se apresentarem brancos.

Com efeito, como é salientado por SILVA & CUNHA (1997), as temperaturas atingidas não se distribuíam uniformemente pela pira funerária, dependendo não só da madeira utilizada, mas também da estrutura da pira, da qual dependia a sua maior ou menor aeração, do vento, e do próprio cadáver. Situação análoga foi observada nos restos da necrópole de cistas do Bronze Final de Paranho, Tondela, estudados pelos referidos autores.

Por outro lado, são visíveis abundantes fissuras transversais, arqueadas e paralelas, indício de que a incineração se processou em cadáveres frescos. A presença de alguns — raros — restos ósseos cuja coloração interior é cinzenta escura, contrastando com a da superfície externa, mais clara, indica também que a aeração durante a incineração foi deficiente.

A operação prosseguiu, com a recolha dos restos. É crível que esta tivesse sido feita manualmente, osso a osso. Tal hipótese justificaria a ausência de peças dentárias, de pequena dimensão, bem como a de cinzas ou restos carbonosos, que não faziam parte do enchimento da urna. Tal hipótese explica também a pequena quantidade de ossos encontrados (128 g), cujo peso não tem, deste modo, interesse comparativo, visto apenas revelar a pouca minúcia da recolha.

A operação seguinte consistiu na deposição dos restos ósseos no interior de grande vaso fechado, já então incompleto na parte superior, visto que lhe falta toda a zona acima do colo.

O reaproveitamento deste vaso, como urna cinerária, tem paralelo estreito na necrópole de cistas de Paranho (CRUZ 1997: 100).

A derradeira operação correspondeu ao enterramento da urna, contendo os restos humanos referidos, em covacho aberto no chão da estrutura, tendo o conjunto sido coberto por pequeno montículo de blocos de quartzo de contorno irregular (sub-estrutura 3), alguns dos quais utilizados para preencher o espaço deixado livre entre a urna e a cavidade previamente aberta (Est. VII). A pressão circundante, e sobretudo o peso dos blocos depositados por cima, sobre os quais se estabeleceu o piso da cabana, fez com que o vaso cedesse, tendo o seu interior, que permanecia em parte vazio, então sido preenchido por terra de coloração castanho avermelhada, oriunda do terreno adjacente.

É crível que os restos cerâmicos, muito mal conservados, que se reconheceram sob a sub-estrutura 1, correspondessem, da mesma forma, a uma sepultura de incineração sem que, contudo, ali se tenham recolhido quaisquer restos humanos.

RESUMO

As estruturas circulares do monte de São Domingos distam entre si cerca de 18 metros, segundo um alinhamento Este-Oeste. Designou-se por estrutura 1 a que foi escavada em primeiro lugar. A estrutura 2, de maiores dimensões, encontra-se a cota superior, em cerca de 1 metro. Ambas se implantam em encosta suave, com ligeiro pendor para SE, a qual se encontra delimitada no sopé por linha de água temporária. A área é utilizada na actualidade como pastagem, com cobertura pouco densa de azinheiras.

A estrutura 1 corresponde a construção de planta circular com 3,5 m de diâmetro externo, sendo definida por pequenas lajes de xisto e de grauvaque, como se de ortóstatos se tratasse, suportados exteriormente por blocos e lajes, de maiores dimensões, dispostos predominantemente de cutelo, de modo a assegurarem a estabilidade. No interior do recinto assim definido e ao nível do chão primitivo, em saibro batido, recolheu-se uma grande taça de carena alta, além de fragmentos de outros recipientes característicos do Bronze Final. Foram ainda reconhecidos vestígios de combustão, talvez devidos a incêndio, cujo calor endureceu e conferiu tonalidade avermelhada ao chão da estrutura. Observou-se uma entrada, voltada a SE.

A estrutura 2, com o diâmetro externo de 5,5 m, é definida por muro espesso, constituído por paramento interno de ortóstatos de grauvaque muito regulares, dispostos verticalmente, sendo a estabilidade do muro assegurada por uma dupla coroa de sustentação, igualmente constituída por lajes de grauvaque, tendo as do alinhamento mais externo sido postas de cutelo. O enchimento interno do muro assim definido é constituído por elementos de pequenas e médias dimensões, pouco consolidados entre si.

Tal como a estrutura 1, também esta possuía entrada voltada para SE. O seu interior, constituído por pavimento regular de saibro batido, cobria três estruturas pétreas. A que ocupa a zona central, corresponde à fixação de um poste de madeira, indício de que a estrutura possuía cobertura, de materiais perecíveis. Duas outras acumulações pétreas, cobriam recipientes cerâmicos. Uma, depois de removida, deixou a descoberto grande urna da Idade do Bronze, no interior da qual se recolheram ossos humanos, de mistura com fragmentos de taça carenada. Trata-se, claramente, de

uma sepultura de incineração realizada no subsolo do pavimento. A outra acumulação de blocos de quartzo, de contorno aproximadamente quadrangular, cobria recipiente em muito mau estado, cuja forma não foi possível determinar.

Crê-se, no estado actual de conhecimentos, que podem considerar-se estas duas estruturas como sendo cabanas, do Bronze Final, no subsolo de uma das quais — a de maiores dimensões — se instalou, pelo menos, uma sepultura de incineração.

BIBLIOGRAFIA

- AGUAYO, P., CARRILERO, M., FLORES, C. & DE LA TORRE, M. P., 1986, El yacimiento pre y protohistórico de Acinipo (Ronda, Málaga): un ejemplo de Cabanas del Bronce Final y su evolución, *Arqueología Espacial*, 9, Colóquio sobre El Microespacio, 3-Del Bronce Final a Época Ibérica, pp. 33-50, Teruel.
- ALMAGRO-GORBEA, M., 1977, *El Bronce Final y el Periodo Orientalizante en Extremadura*, Biblioteca Praehistorica Hispana, 14, Madrid.
- AMARAL, F. K., LOBO, J. H., MALATO, J. J., 1988, *Arquitectura Popular em Portugal - As Beiras* (vol. 2), Associação dos Arquitectos Portugueses, pp. 1-119, Lisboa.
- BERNABÓ BREA, L., 1972, Sicília, Editorial Verbo, 254 p., Lisboa.
- CARDOSO, J. L., CANINAS, J. C., e HENRIQUES, F., 1995a, O Menir de Cegonhas (Idanha-a-Nova), *Estudos Pré-Históricos*, 3, revista do Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 5-17, Viseu.
- CARDOSO, J. L., CANINAS, J. C., e HENRIQUES, F., 1995b, A anta 6 do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova), *Estudos Pré-Históricos*, 3, revista do Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 19-37, Viseu.
- CARDOSO, J. L., CANINAS, J. C. e HENRIQUES, F., 1997a, A anta 2 do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova), *Estudos Pré-Históricos*, 5, revista do Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 9-28, Viseu.
- CARDOSO, J. L., CANINAS, J. C. e HENRIQUES, F., 1997b, Contributos para o conhecimento do Megalitismo na Beira Interior (Portugal): a Região do Tejo Internacional, *Actas do II Congreso de Arqueología Peninsular*, tomo 2-Neolítico, Calcolítico y Bronce, p. 207-215, Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 9-28, Zamora.
- CARDOSO, J. L., 1995, O Bronze Final e a Idade do Ferro na Região de Lisboa: um ensaio, *Conimbriga*, 35, pp. 33-74, Coimbra.
- CARDOSO, J. L., 1997, *O povoado de Leceia (Oeiras) sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*, Museu Nacional de Arqueologia, Câmara Municipal de Oeiras, Lisboa, Oeiras.
- CORTES, F. C., 1982, Una Aproximacion a la Urbanistica del Bronce Final en la Alta Andalucía, El Cerro de Cabezuélos (Ubeda, Jaen), *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 7, pp. 307-329, Granada.
- CRUZ, D., 1997, A Necrópole do Bronze Final do "Paranho" (Molelos, Tondela, Viseu), *Estudos Pré-Históricos*, 5, revista do Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 85-109, Viseu.
- CRUZ, D., GOMES, L. F. & CARVALHO, P. S., 1998, O Grupo de Tumuli da Casinha Derribada (Concelho de Viseu). Resultados Preliminares das Escavações Arqueológicas dos Monumentos 3, 4 e 5, *Conimbriga*, 37, pp. 5-80, Coimbra.
- FABIÃO, C., 1993, O Passado Proto-Histórico e Romano, in *História de Portugal* (dir. J. Mattoso), 1, pp. 77-229, Ed. Estampa, Lisboa.
- GARCIA Y BELLIDO, A., 1966, O problema dos enterramentos na cultura castreja, *Revista de Guimarães*, 76 (1-2), pp. 5-24, Guimarães.
- GARCIA Y BELLIDO, A., 1971, Origenes de la casa redonda de la cultura castrena del NO de la Peninsula, *Revista de Guimarães*, 81 (1-2), pp. 25-36, Guimarães.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J. C., e CHAMBINO, M., 1995a, *Carta Arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 2, 121 p., Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J. C., e CHAMBINO, M., 1995b, Rochas com covinhas na região do Alto Tejo português, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 35, fasc. 4.
- KALB, P & HOCK, M. 1982, *Escavações na Necrópole de Mamoas "Fonte da Malga"*, Viseu, Assembleia Distrital de Viseu, 14 p., Viseu.
- LUENGO, J. M., 1950, Excavaciones arqueológicas en el Castro y su necrópolis, de Meirás (La Coruna), *Memoria n.º 23 de la Comisaría de Excavaciones*, Madrid.
- MAIA, M. & MAIA, M. A., 1986, *Arqueologia da área mineira de Neves-Corvo. Trabalhos realizados no triénio 1982-84*, Somincor, Lisboa.
- MALONE, C., STODDART, S. & WHITEHOUSE, R., 1994, The Bronze Age of southern Italy, Sicily and Malta (c. 2000-800 BC), in *Development and decline in the mediterranean Bronze Age*, Sheffield Archaeological Monographs, 8, J. R. Collins Publications, pp. 167-194, Sheffield.
- MARQUES, G., 1972, Arqueologia de Alpiarça. As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto, *Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"*, 13, 37 p., Porto

- MARQUES, G. & ANDRADE, M., 1974, Aspectos da Proto-História do Território Português. 1 — Definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiarça (Idade do Ferro), *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. 1, Junta Nacional de Educação, pp. 125-148, Porto.
- MOHEN, J. P. & BAILLOUD, G., 1987, *L'Âge du Bronze en France, 4. La Vie Quotidienne. Les Fouilles du Fort-Harrouard*, Picard, 241 p., Paris.
- OLIVEIRA, J. T. (coordenação), 1992, *Carta Geológica de Portugal na escala 1/500.000*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- PALOMO, L. A. L., 1993, Calcolítico y Edad del Bronce al Sur de Cordoba. Estratigrafia en Monturque, CAJASUR, 357 p., Cordoba.
- PAVÓN SOLDEVILLA, I., RODRÍGUES DÍAZ, A. & ENRIQUEZ NAVASCUÉS, J. J., 1998, El Poblamiento Protohistórico en el Tajo Medio: excavaciones de urgencia en el Risco y Aliseda (Cáceres), in *Extremadura Protohistórica: Paleoambiente, Economía y Poblamiento*, Universidad de Extremadura, Cáceres, pp. 121-156.
- PEARSON, M. P., 1993, *Bronze Age Britain*, English Heritage, 144 p., London.
- PUGLISI, S. M. & CASTALDI, E., 1966, Aspetti del Acantonamento Culturale nella Gallura Preistorica e Protoistorica, *Studi Sardi*, 19, 92 p.
- RIQUELME CANTAL, J. A., 1989-90, Aproximacion al Estudio Faunístico del Yacimiento Arqueológico de Acinipo, Ronda (Málaga), *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 14-15, pp. 181-207, Granada.
- SCHULE, W. & PELLICER, M., 1966, El Cerro de la Virgen, Orce (Granada), *Excavaciones Arqueológicas en España*, Memoria 46, 66 p., Madrid.
- SENNA-MARTINEZ, J. C., 1989, *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*, tese de doutoramento em Pré-História e Arqueologia, 3 vols, ed. policopiada, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- SENNA-MARTINEZ, J. C., 1993, O Grupo Baiões/Santa Luzia: contribuições para uma tipologia da olaria, *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Edições Colibri, pp. 92-123, Lisboa.
- SENNA-MARTINEZ, J. C., 1994, Entre Atlântico e Mediterrâneo: algumas reflexões sobre o Grupo Baiões/Santa Luzia e o desenvolvimento do Bronze Final peninsular, *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, pp. 215-232, Ed. Colibri, Lisboa.
- SILVA, A. C. F., 1986, *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, 367 p., Paços de Ferreira.
- SILVA, A. M. & CUNHA, E., 1997, As Incinerações da Necrópole do Paranho: Abordagem Antropológica, *Estudos Pré-Históricos*, 5, revista do Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 111-119, Viseu.
- SOTO, J. Gomez de & PAUTREAU, J.-P., 1998, Maisons, mythes, mort, metal in France Atlantique, in *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* (ed. S. O. Jorge), *Trabalhos de Arqueologia*, 10, Instituto Português de Arqueologia, pp. 125-138, Lisboa.
- VILAÇA, R. (coord.), 1997, *Catálogo da Exposição A Pré-História na Beira Interior*, 21 a 23 de Novembro, Tondela.
- VILAÇA, R., 1995, *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*, 2 vol., *Trabalhos de Arqueologia*, 9, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Lisboa, 487 p. e 279 estampas.
- ZERVOS, C., 1954, *La Civilisation de la Sardaigne du Début de L'Énéolithique a la fin de la Période Nouragique* (II Millénaire-V Siècle Avant Notre Ère), Editions "Cahiers d'Art", 380 p., Paris.



1. Estrutura 2 do Monte de São Domingos antes do início dos trabalhos.



2. Estrutura 2 do Monte de São Domingos após a limpeza do terreno e primeira decapagem da camada vegetal.



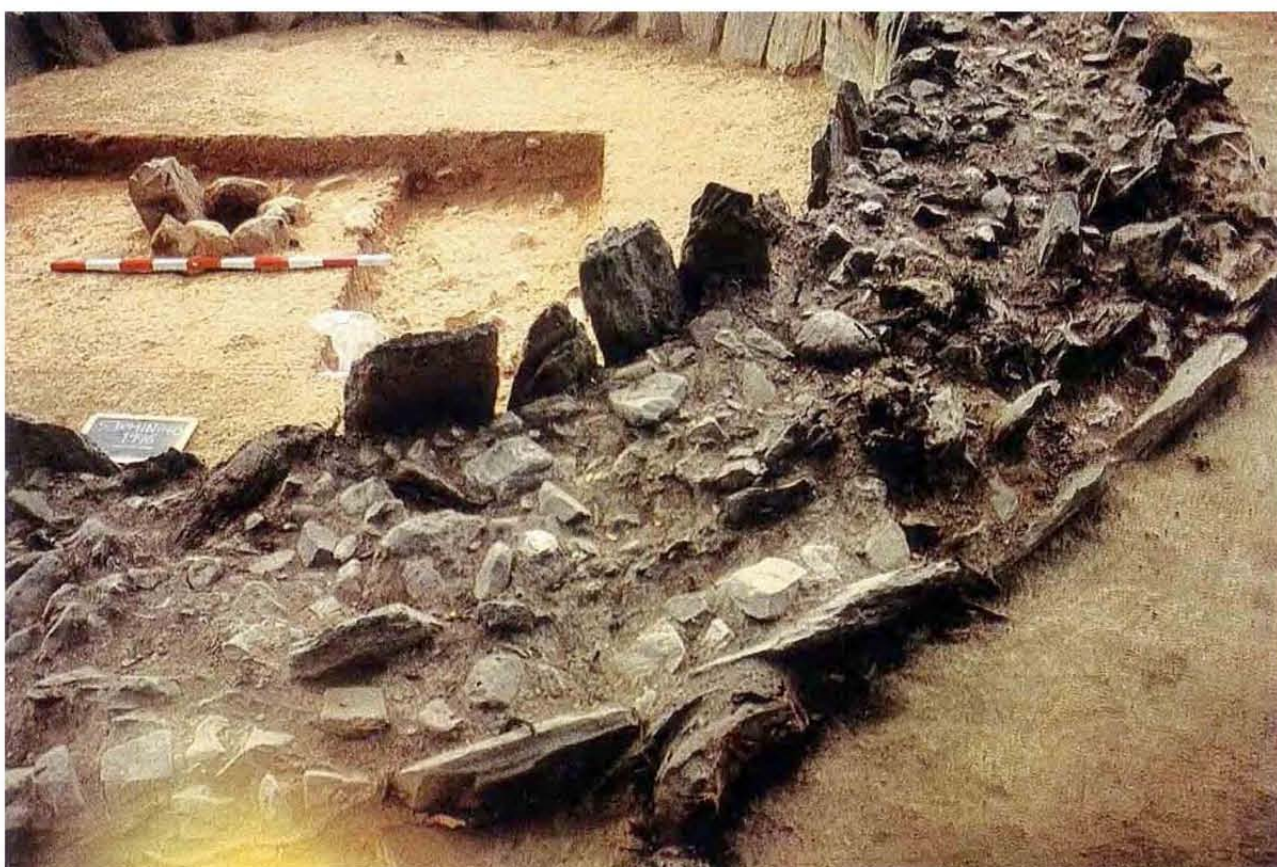
1. Estrutura 1 do Monte de São Domingos. Vista do monumento no final da escavação, observando-se uma entrada, em primeiro plano, à esquerda.



2. Estrutura 1 do Monte de São Domingos. Vista do monumento no final da escavação.



1. Estrutura 2 do Monte de São Domingos. Vista geral no final dos trabalhos.



2. Estrutura 2 do Monte de São Domingos. Pormenor do aparelho construtivo do muro, observando-se o enchimento intermédio de pequenos blocos e um anel de contenção intermédio.



1. Estrutura 2 do Monte de São Domingos. Vista geral do seu interior, com três sub-estruturas pétreas, ainda não escavadas, ao nível do sub-solo da estrutura.



2. Estrutura 2 do Monte de São Domingos. Vista de conjunto das três sub-estruturas pétreas, ainda não escavadas, respectivamente a sub-estrutura 1, em primeiro plano, a sub-estrutura 2 (buraco de poste), em segundo plano, à esquerda e a sub-estrutura 3, em segundo plano, à direita.



1. Estrutura 2 do Monte de São Domingos. Pormenor da sub-estrutura 1, observando-se o preenchimento pétreo intencional de depressão, no fundo da qual se instalou o vaso cerâmico.



2. Estrutura 2 do Monte de São Domingos. Vista do fundo da depressão correspondente à sub-estrutura 1, depois de retirados os blocos que a preenchiam, evidenciando-se restos de recipiente cerâmico nela instalado.



1. Estrutura 2 do Monte de São Domingos. Vista parcial do seu interior. Ao centro, a sub-estrutura 2 (buraco de poste), depois de escavada.



2. Estrutura 2 do Monte de São Domingos. Pormenor da sub-estrutura 2 (buraco de poste).



1. Estrutura 2 do Monte de São Domingos. Pormenor da sub-estrutura 3, correspondente ao início da escavação da. Observa-se o modo como os blocos de quartzo se fixaram no terreno, entre as paredes do recipiente e as do covacho aberto para o receber.



1. Estrutura 2 do Monte de São Domingos. Vista parcial do seu interior. Ao centro, a urna posta a descoberto sob o empedrado que a cobria.



2. Estrutura 2 do Monte de São Domingos. Pormenor da urna subjacente ao empedrado (sub-estrutura 3), enterrada no substrato geológico que constituía o chão do interior da estrutura. De notar a existência de blocos angulosos de quartzo dentro do vaso, correspondentes a restos do empedrado que a cobria.



1. Cabanas circulares de Acinipo, do Bronze Final (RIQUELME CANTAL 1989-90, est. I.b).



2. Casa castreja de planta circular, idêntica às de São Domingos, Cividade de Terroso, Idade do Ferro (SILVA 1986, Est. XVIII).



1. Vaso carenado, depois de reconstituído no Laboratório do Museu Monográfico de Conimbriga, proveniente da Estrutura 1 do Monte de São Domingos.



2. Vaso reutilizado como urna cinerária, depois de reconstituído no Laboratório do Museu Monográfico de Conimbriga,, proveniente da Estrutura 2 do Monte de São Domingos.



1. Ossos humanos recolhidos no interior da urna cinerária proveniente da Estrutura 2 do Monte de São Domingos (escala em mm).